

Preço amargo do cafezinho

Consumidor está usando a criatividade para não deixar o hábito de tomar um cafezinho diariamente. O produto teve uma inflação acumulada de quase 50% em 12 meses



MÉDIA DE PREÇOS E REAJUSTE NO ANO

Café 500g	R\$ 15,89	86,8%
Cafezinho (xicara/copo)	R\$ 2,50	66%
Café moído 200g	R\$ 25	50%
Café expresso	R\$ 4,50	44%
Filtro de papel	R\$ 3,29	37,5%
Cappuccino 400g	R\$ 11,69	11,7%

CADA VEZ MAIS AMARGO

Roger Dias

Um dos hábitos mais estimados pelos mineiros está cada vez mais amargo — e não por falta de açúcar. O cafezinho sente diretamente os efeitos da inflação e chega à mesa dos lares em valores bem mais acentuados. De acordo com a pesquisa do Índice Nacional de Preços do Consumidor Amplo (IPCA), do IBGE, o produto teve uma variação acumulada no ano de 76,63% até março, atingindo 43,12% nos últimos 12 meses no estado. O café também mereceu destaque negativo no custo da cesta básica em Belo Horizonte, estimado pela Fundação Ipead/UFMG, com variação de 12,25% somente em 2022.

Entre os motivos apontados para a alta expressiva estão a valorização do dólar, o aumento dos custos dos insumos, o volume da safra e o clima. Devido a seca e as geadas, o café ficou mais caro em um ano de colheita que, naturalmente, já seria mais baixa, pois, em ano ímpar, as quantidades produzidas já seriam baixas.

A alta produção em Minas em 2021 não teve influência no preço do grão. De acordo com dados da Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapal), foram colhidos 21,45 milhões de sacas no ano passado, o equivalente a 46% da safra em todo o país, o que manteve o estado com o título de maior produtor nacional do café. O produto é cultivado em 451 municípios, numa área de 1,3 milhão de hectares.

A elevação do café ocorreu muito em função do aumento do custo de produção, pois os fertilizantes tiveram aumento de preço. O aumento do dólar também implicou nessa elevação da produção, já que muitos insumos são importados. O período de seca acabou sendo fator determinante”, explica o coordenador da pesquisa do IPCA em Minas, Venâncio Otávio de Araújo da Mata.

E OS CONSUMIDORES? Diante da expansão dos preços, consumidores tentam se virar para manter o hábito, seja substituindo o produto por uma marca mais barata ou mesmo consumindo em menor quantidade. É o caso do engenheiro agrônomo Leandro Pires Ribeiro, de 41 anos, que se contentou em reduzir o número de xícaras por dia. “Tinha tomado menos café, tentando manter o padrão e diminuindo a quantidade. O café que eu compro é especial. Comprava 250g por R\$ 22. Agora está R\$ 28 o mesmo pacote. Um aumento muito alto. Infelizmente, o produto segue padrões internacionais”.

O aposentado Décio Mitre, de 84 anos, lamenta que o Brasil sofra com os efeitos globais do coronavírus e da situação geopolítica envolvendo Ucrânia e Rússia. “Infelizmente, o custo de vida subiu muito no Brasil e temos de



O tradicional cafezinho é encontrado por preços a partir de R\$ 2,50, em Belo Horizonte

nos adequar à nova realidade. As circunstâncias foram prejudiciais, como o coronavírus e a pandemia e, em seguida, a guerra indesejável para todos. Temos de trabalhar mais para evitar novos prejuízos. As pessoas menos favorecidas são as mais prejudicadas. Ninguém consegue suportar esses aumentos na inflação”.

Em BH, o preço médio do pacote de café de 500g subiu incrivelmente 86,8%, custando R\$ 15,49. O café moído teve um acréscimo de 50% e é encontrado a R\$ 25 (200g) em mercados na área central da capital. Já o tradicional cafezinho, que no fim do ano passado era vendido a R\$ 1,50, agora passa a ter um preço a partir de R\$ 2,50 nas padarias e lanchonetes, uma valorização de 66%. O cappuccino e até mesmo o filtro de papel sofreram com os efeitos do aumento dos preços. O primeiro foi reajustado em 11,7% na média nos supermercados, enquanto o segundo aumentou 37,5%.



“Tenho tomado menos café, tentando manter o padrão e diminuindo a quantidade”

Leandro Pires Ribeiro, de 41 anos, engenheiro agrônomo

“Infelizmente, o custo de vida subiu muito no Brasil e temos de nos adequar à nova realidade”

Décio Mitre, de 84, aposentado



“Em julho, eu repassei 10%. Com a cidade vazia e ainda sem movimento, optei por segurar o aumento por algum tempo. Está assim até hoje”

Renato Caldeira, dono do Café Nice

RELAÇÃO COM O CLIENTE Proprietário do tradicional Café Nice, na Praça Sete, o empresário Renato Caldeira optou por manter o preço da xícara de café mesmo com a inflação. “O café já teve reajuste na metade do ano passado. Em junho, houve aumento em torno de 10%. Logo, segurei um pouco o preço e não repassei de imediato o custo. Já em julho eu repassei 10%. Em três dias, tivemos dois aumentos seguidos. Com a cidade vazia e ainda sem movimento, optei por segurar o aumento por algum tempo. Está assim até hoje”.

Apesar do alto preço dos fertilizantes, ele decidiu não trocar de fornecedor. “Eu trabalho com a mesma pessoa há muitos anos. Meu café é conhecido pela qualidade, pois tenho clientes que consomem aqui há 30 ou 40 anos. Eu perco um pouco na margem de lucro, mas não perco na qualidade”, diz.

A boa relação com os clientes também ajudou a não cair as vendas no mercado ABC do Trabalhador, no Centro de BH. Para o gerente Joel Holz Kister, mesmo com o cenário negativo, alguns consumidores optaram por trocar o pacote pelo produto moído na hora. “O consumidor é muito fiel, o que ajudou as vendas a não diminuírem. A quantidade de sacos comprados não diminuiu. Optamos por baixar nossa margem de lucro para não afetar o volume de vendas. Mas o nosso preço não acompanha os últimos reajustes do produto”.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG